

A ESCOLA COMO LUGAR DE REPENSAR AS PRÁTICAS COTIDIANAS ATRAVÉS DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Dulce Constantina de Souza Santos¹

Compartilho, aqui, uma experiência transformadora que vivi na Educação de Jovens e Adultos, quando fazia parte da equipe de professores, na Escola Municipal Professor Hilton Rocha, da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, no período entre 2003 e 2005.

Fui trabalhar na escola no ano de 2001, quando a escola ainda funcionava num prédio alugado, na região do Barreiro. Eu conheci algumas professoras quando atuei na equipe pedagógica da regional. Elas falavam de experiências muito interessantes vivenciadas com aquele grupo da nova escola. Solicitei vaga e consegui integrar o corpo docente.

A escola foi construída na comunidade através da organização para o orçamento participativo. O orçamento participativo era uma prática da prefeitura de consultar as populações do território, quais obras seriam prioritárias. As comunidades se organizavam, debatiam, apresentavam propostas e votavam. No bairro do Mangueiras havia uma grande demanda para a educação de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Podemos dizer, que a população estava ávida de saber. Na entrega da escola, a pessoa representante do poder público falou para a comunidade que o prédio estava pronto para uso e que a escola só existiria com a participação das pessoas. A escola seria o que a comunidade escolar fizesse dela, desde o cuidado com o prédio até o uso dos espaços para a produção de cultura e conhecimento. A equipe de profissionais foi apresentada e a direção aproveitou a

¹ Professora aposentada, com experiência em alfabetização de crianças e adultos. Coursou magistério, é graduada em Filosofia, com especialização em Educação Matemática.

oportunidade para convidar a comunidade para uma reunião inicial de planejamento. O objetivo da reunião seria o diálogo entre comunidade e profissionais sobre as propostas de funcionamento da escola. Na primeira reunião foi construído um cronograma com novas reuniões; o que possibilitou a formulação de projetos que dialogassem com as demandas locais. Eu participava dessas reuniões com muito interesse em aprender e contribuir para essa nova prática de diálogo entre escola e comunidade.

Tínhamos pouco conhecimento sobre o perfil da comunidade. Sabíamos que a escola estava localizada num bairro periférico com predominância de famílias com baixa renda. No entorno da escola havia muitas casas em ruas regulares, urbanizadas. Desconhecíamos uma vila localizada a poucas quadras da escola, que abrigava e escondia uma situação social de pobreza: moradias precárias, pessoas desnutridas, muitas crianças, falta de urbanização, etc. Partimos para o planejamento das atividades a partir das expectativas apontadas nas reuniões pelas pessoas que participaram. A escola atendia às duas populações sem ter muita ideia de suas origens de moradia.

Uma das demandas apresentadas nas reuniões e num abaixo assinado entregue à Regional de Educação da região do Barreiro, era a implementação da Educação de Jovens e Adultos, pois pretendiam aumentar o nível de escolaridade dessa população com vistas a uma melhor inserção no mercado de trabalho. O pedido foi acolhido e autorizado. Em 2003, no mesmo ano de inauguração da escola, iniciou-se a implementação da EJA.

O grupo de professores, em geral, tinha um perfil disposto a dialogar, estudar, questionar e envolver-se na luta pelo direito à educação. Era um grupo envolvido com a luta sindical e com a causa dos trabalhadores para além da própria categoria. Nas conversas informais fomos trocando ideias e construindo uma proposta que levamos para as reuniões pedagógicas. Como a comunidade havia demandado a oferta da EJA, pensamos que a autonomia daqueles sujeitos deveria ser considerada na prática pedagógica. Nascia ali um desafio que mobilizou-nos e

envolveu-nos em estudos individuais e coletivos: partilhamos leituras e trocamos experiências. Num caderno coletivo registramos nossos diálogos e decisões. Esse caderno ficava guardado no armário da coordenação. Depois de algum tempo, verificamos que o mesmo foi descartado por pessoas que vieram posteriormente desenvolver o trabalho e que não abraçaram a proposta de EJA, vindo, inclusive, a findar a oferta do curso na escola. Faço aqui, uma observação importante sobre a falta de uma prática de registro do trabalho pedagógico; ou mesmo, a falta de considerar o registro que já se faz, como referência para a continuidade e o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Há uma dificuldade em fazer um arquivo histórico do desenrolar pedagógico. Materiais são descartados e alguns guardados por alguma professora ou algum professor, individualmente.

Dando prosseguimento ao relato, surgiu, então, a proposta de trabalharmos com uma metodologia que considerasse o perfil e a subjetividade dos estudantes na construção de conhecimento. Ao elaborar a proposta curricular, o coletivo de professores acordou trabalhar com a metodologia da pesquisa investigativa na produção de conhecimento com os estudantes alfabetizados. No grupo de professores havia pessoas que estavam estudando essa metodologia e com um desejo de prosseguir na própria formação continuada com uma especialização ou um mestrado. As reuniões eram vibrantes e acordamos que estudar, ler, investigar, se apropriar de conhecimentos já construídos por ancestrais e prosseguir para novos caminhos, é para todos!

Sabíamos ser ousadia essa proposta! A coesão do grupo no propósito coletivo fortaleceu a ideia e o compromisso de desafiar aqueles cidadãos que, ao buscarem resgatar um “tempo perdido sem estudos”, poderiam ampliar e prosseguir na construção de seus conhecimentos, dando continuidade ao seu propósito de inserção na sociedade com dignidade e reconhecimento. Isto quer dizer: realizar um trabalho visando a autonomia dos sujeitos, o seu reconhecimento enquanto produtores de conhecimento. Pensamos que a pesquisa investigativa seria uma metodologia que atenderia o desejo pelos estudos que moveu a

solicitação da comunidade ao reivindicar a implementação dessa modalidade da educação. Professoras e professores nos envolvemos de tal forma com essa proposta que nos dispusemos sair do lugar comum do repasse de conhecimentos e nos pusemos a, fundados na formação já construída na academia e na prática pedagógica, rever posturas e práticas estagnadas pela rotina escolar. Miramos na função social da escola de oportunizar aos sujeitos o aperfeiçoamento de suas habilidades e competências através do estudo dos conhecimentos historicamente construídos. Naquele momento, estávamos focados na busca de uma prática pedagógica inovadora em que o professor fosse um orientador de estudos e, para isso, um pesquisador estudioso, um docente-investigador. Ainda não tínhamos noção do quanto isso transformaria nossas vidas e a vida das/dos estudantes. Nas reuniões formativas docentes, nos dedicamos a analisar a realidade trazida pelos estudantes, a repercussão de suas demandas no corpo docente e a necessidade de construir um currículo que dialogasse com tudo isso. A metodologia da pesquisa investigativa foi uma proposta desafiadora que resolvemos utilizar enquanto grupo de profissionais dispostos a orientar os estudantes.

Compreendo a metodologia de pesquisa como uma opção pedagógica que incentiva a observação da vida cotidiana e as questões que ela suscita. No viver diário nos deparamos com desafios e perguntas que muitas vezes não sabemos responder. Em geral, seguimos o caminho sem nos debruçar sobre essas questões e repetimos erros em série por não nos determos em buscar as respostas. Acredito que estudar deve nos trazer pistas na elaboração de perguntas que nos abram caminhos, orientem a construção de conhecimentos que contribuam para a nossa autonomia frente aos desafios. É o processo de construção do conhecimento possibilitando o surgimento de cidadãos comprometidos em ações por um mundo melhor, através de uma atitude de humildade diante do saber e a capacidade de elaborar questões que movam para a transformação pessoal e coletiva!

Ao compartilhar com a equipe de professores essa minha perspectiva de

ação pedagógica, encontrei ressonância, e mais, encontrei parceiros na construção dessa experiência. Tanto professores quanto estudantes mergulhamos na proposta, trazendo novos elementos, novas questões a cada passo. Criamos o hábito de discernir bem qual seria o cerne de cada questão, através do diálogo, do debate e do estudo. À medida que as questões iam ficando mais claras, procuramos nos debruçar na busca de conhecimentos para prosseguirmos. Assim, a proposta tornou-se coletiva e não sabíamos aonde chegaríamos.

A metodologia consistia em orientar a elaboração de projetos de pesquisa significativos na perspectiva da autonomia na busca do conhecimento, seguindo um método de investigação e considerando os conhecimentos já construídos pela humanidade, referenciados na matriz curricular do Ensino Fundamental. Debruçamo-nos nos estudos dessa metodologia e na elaboração do passo a passo para a orientação dos estudantes. Na reunião pedagógica apresentei uma sugestão de roteiro básico para orientação dos estudos. Construí esse roteiro a partir de uma experiência anterior, que desenvolvi em um trabalho com pesquisa na EJA e com adolescentes em cumprimento de medida de internação sócio-educativa. Tenho ainda comigo esse roteiro como uma lembrança de tudo que fomos capazes de fazer e utilizamos como ponto de partida para o trabalho. Depois fomos adaptando ao cotidiano dos estudos. Para aplicar o roteiro, propus um cronograma de atividades que foi discutido e ampliado pelo grupo de professores na reunião.

Elaboramos aulas teóricas sobre os fundamentos da pesquisa investigativa, a importância de pensar com um método, interagindo com os estudos sobre os conteúdos da matriz curricular do Ensino Fundamental. Com textos, dinâmicas e debates dialogamos sobre a importância de formular uma pergunta de pesquisa para a produção de conhecimentos, sobre a elaboração do projeto de pesquisa, sobre o papel do professor-orientador, sobre o registro no portfólio de estudos os conteúdos que vão respondendo a pergunta, sobre o planejamento e o registro do percurso de estudo através de um relato. A partir de contatos feitos com

algumas professoras com as quais trabalhamos na época, fiquei sabendo que muitas ainda têm em seu arquivo pessoal alguns materiais utilizados nessas aulas. Mais pessoas lembrando de tudo que fomos capazes de fazer.

Uma vez organizados, formados e alinhados, enquanto equipe docente propusemos uma assembleia para apresentar a proposta de trabalho aos estudantes. Inicialmente ficaram apreensivos, com a ideia de que queriam “recuperar o tempo perdido” por não terem frequentado a escola na infância, com um imaginário de poderem reviver a mesma escola da época de sua juventude. A maior parte do grupo discente era de jovens e adultas mulheres . Quase todos eram trabalhadores subempregados e moradores da vila escondida atrás das ruas regulares e casas estruturadas que tínhamos observado ao chegar. Aos poucos, com a devida argumentação, atitudes, formas de educar e ensinar, o comprometimento pedagógico por parte dos professores, os estudantes foram compreendendo que nenhum tempo é perdido, em todo tempo se aprende e o conhecimento se constrói ao longo de toda a vida. Foram também se reconhecendo enquanto cidadãos de direito e enxergando a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade que permite o resgate do lugar de participação cognitiva que lhes foi negado anteriormente.

Assim concordaram que, no estágio da vida adulta em que se encontravam, com um certo domínio da leitura e escrita e com a orientação dos professores, poderiam se dispor a estudar alguma temática de seu interesse através da metodologia investigativa. Foi-lhes dada a garantia do certificado do Ensino Fundamental. Essa garantia veio em decorrência da necessidade de documentação que comprove a escolaridade e seja documento válido para o currículo profissional, solicitado por eles. Por experienciarmos em nossa trajetória de docentes que o conhecimento é amplo e que a pesquisa é um caminho privilegiado de acesso aos saberes, conseguimos deixar transparecer na proposta os ganhos que teríamos todos nessa trajetória pedagógica. As suas questões seriam porta de entrada para o acesso aos conhecimentos escolares e as suas

experiências e saberes lhes abririam possibilidades para construir novas aprendizagens. A pergunta de pesquisa referenciada nas suas próprias experiências orientaria os estudos de cada um/a. Estudo, aqui, tem o sentido de buscar respostas, ler com um objetivo, colocar-se atento/a ao que acontece no cotidiano, refletir sobre a própria prática. Aprendizagem seria a construção de conhecimento com autonomia e capacidade de questionar o que está posto e propor novas perspectivas, construir novas práticas.

A proposta foi finalmente aceita e definimos que no intervalo de três meses, faríamos uma nova assembleia para avaliar o processo. Convidamos cada estudante a refletir sobre as suas expectativas em relação ao retorno à escola a partir da escrita de um memorial de suas experiências e perguntas surgidas em suas trajetórias de vida. Cada turma teve um/a professor/a-orientador para a produção do memorial. Eram 2 turmas de alfabetização e 5 turmas de certificação. Nós éramos em torno de 12 professores. Nas aulas os/as professores/as orientávamos cada estudante na produção do memorial visando o aprofundamento de seus relatos dos quais emergiriam temas sugestivos para a investigação. Nas reuniões pedagógicas semanais, planejávamos as aulas entre nós e discutíamos como estava se dando o processo de elaboração do memorial.

Inicialmente, cada professor trabalhava o conteúdo de sua área e procurava introduzir a metodologia de pesquisa numa aula semanal específica. Apresento algumas das perguntas orientadoras da pesquisa: “Que temas, no momento, atraem a sua atenção?” “O que você quer pesquisar sobre o tema?” “Qual é a necessidade de pesquisar esse tema?” “Qual é o conhecimento que você quer adquirir sobre o assunto?” “Que respostas você poderá encontrar ao estudar esse tema?” “Quais fontes de informação você dispõe para os estudos?”

Quando os estudos foram avançando para a necessidade de orientação de grupos e pessoas, fazíamos uma enturmação flexível para que cada orientador encontrasse com seu grupo. Levávamos os projetos elaborados pelos estudantes para as reuniões pedagógicas e os analisávamos para organizarmos os grupos de

orientação conforme o interesse e possibilidade de orientação por parte dos professores, levando em consideração as relações já construídas com os estudantes.

Se alguma dúvida ou consulta a respeito do processo era importante para todos, organizávamos aulas coletivas que aconteciam mensalmente. Se o tema fosse pertinente para as turmas de alfabetização, também as convidávamos. É indescritível a conexão que construímos com pessoas que acreditaram na proposta. Parece que fomos atraindo pessoas que sintonizavam com a proposta e se dispunham colaborar naquilo que ia aparecendo como demanda. Eu me sentia participante de um coletivo em busca de conhecimentos que ampliaram nossas humanidades.

O nosso acompanhamento como professores-orientadores se dava a partir das temáticas que apareciam e, junto conosco, também colaboravam professores de outros turnos e profissionais externos. Algumas vezes o trabalho desembocava em uma peça de teatro produzida por algum grupo, outras vezes em um filme ilustrativo da temática abordada. Para essas aulas, toda a comunidade escolar era convidada e havia uma boa participação. Tínhamos uma percepção da escola em sua função social enquanto mediadora da autonomia na busca do conhecimento para toda a comunidade, independente de frequentar como estudante matriculado ou alguém interessado em acessar conhecimentos e informações sobre uma temática específica. Por isso, elaboramos convites impressos, motivamos os estudantes a convidarem os familiares. Foi ótimo, além de participarem da dinâmica de aprendizagem, traziam sua contribuição nos debates e ampliaram sua confiança e apoio aos seus familiares estudantes, demonstrando um certo orgulho e não vergonha por estarem estudando. Muitos até procuravam se matricular para ter acesso a tal experiência. Lembro-me de alguns encontros com o professor Osmar Fávero, na construção do Projeto Político Pedagógico da escola, quando conversamos sobre esse papel social das universidades e defendemos que as escolas de Ensino Básico também deveriam

exercer essa função. Osmar Fávero era professor na PUC-Rio, e atuou como assessor em programas de educação de jovens e adultos.

Realizamos uma assembleia após três meses de trabalho e obtivemos avaliações muito positivas com os/as estudantes. Os temas de pesquisa eram diversificados. Lembro-me pouco de quais eram os temas. Creio que alguns colegas preservaram em seus arquivos pessoais alguns artigos que foram produzidos. Lembro-me de alguns como: saúde e doenças autoimunes, alimentação saudável, pirâmide alimentar, história da escravidão. Um pouco de tudo!

As reuniões pedagógicas se tornaram fundamentais para o prosseguimento da nossa prática pedagógica. Eram momentos de compartilhamento de dúvidas, busca de respostas, estudos, planejamentos e diálogos, sempre registrados num caderno de atas. Observamos um crescente no envolvimento dos professores que muitas vezes extrapolaram as conversas sobre o nosso projeto pedagógico para outros tempos e espaços da semana, com trocas de experiências nos corredores e na sala de professores. Com os estudantes, o prazer do envolvimento possibilitou a aproximação de suas experiências e conhecimentos que chegavam a tratar de questões da vida pessoal, no sentido de crescimento humano e definição de propósitos. A troca com os estudantes me revelou que o conhecimento não é posse de ninguém.

Ao mergulhar na prática investigativa, o estudante vai detalhando questões constitutivas de suas vidas, brotadas de sua experiência cotidiana. O envolvimento na elaboração da questão focal coloca a/o professora/orientadora/or numa atitude de escuta do interlocutor, na busca de contribuir para que venha à tona a questão mais profunda que possivelmente toque sua existência e vida cotidiana. É um exercício de ouvir o outro que abre espaço para descobertas pessoais incríveis, como pessoa e como profissional. Todos temos a possibilidade de aprender a partir de algum fato do cotidiano que nos desperte curiosidade. O conhecimento se constrói e não está dado. O conhecimento historicamente

construído só exerce sua função cidadã quando é questionado, investigado, apropriado e reelaborado à luz das demandas cotidianas. A escola pode ser o lugar onde a comunidade se debruça sobre suas questões e elabora conhecimentos em busca de novas perspectivas de superação. Há conhecimentos que só se produzem a partir da vivência e dependem da forma como cada pessoa lida com as adversidades cotidianas, com as experiências advindas da prática, da ação e reflexão humanas. O conhecimento acadêmico em diálogo com o conhecimento acumulado na experiência de vida, em qualquer idade, traz significado e motiva a aprendizagem. A atenção docente para com a realidade discente, a troca coletiva de saberes, a investigação e a elaboração de roteiros de estudo são fundamentais na construção de um currículo que promova a autonomia dos sujeitos estudantes e professores. Assim, tornamo-nos pesquisadores, verdadeiros buscadores de conhecimento. Evoluímos enquanto seres pensantes e questionadores dos efeitos de nossas práticas e saberes.

O período de pesquisa dos temas, com as anotações dos conhecimentos, as entrevistas com pessoas de fora da escola, as leituras, a observação de situações a serem pesquisadas, a análise de programas de televisão, os diálogos de orientação, criaram um alvoroço que envolveu a maioria das pessoas da escola, discentes e docentes. Por vezes, um questionamento aqui e ali se valeria a pena, se esse movimento estaria cumprindo com o objetivo curricular do Ensino Fundamental. Longe de nos paralisarem, os questionamentos nos remeteram a novas formulações e direcionamentos, estudos no coletivo de professores, sempre buscando afinar ideias e ações pedagógicas.

O momento da produção dos relatos de estudos foi desafiador e também revelador do sucesso da trajetória em construção. A proposta era que escrevessem um texto contando o processo pessoal de estudo: a questão inicial, as hipóteses, as estratégias utilizadas para responder a questão, as respostas encontradas, as conclusões possíveis, as novas questões que surgiram. A pouca relação com esses tipos de textos, com as práticas de escrita e leitura que eles tinham, gerava um

desafio, mas uma oportunidade para trabalhar sobre essas práticas. Elaboramos algumas dicas para o pontapé inicial. Com alguns tivemos que exercitar o diálogo e a elaboração do texto oral antes da escrita. Cada professora/or foi dinamizando, com as turmas, técnicas de leitura, interpretação, perguntas ao texto, identificação de estruturas textuais, organização de argumentação, elaboração de ideias escritas no decorrer das aulas. Esses recursos foram explorados nas orientações.

Aos poucos, foram surgindo os primeiros relatos que, compartilhados com os colegas, foram abrindo possibilidades para a compreensão da proposta. Fizeram lindos relatos dizendo da mudança em seu cotidiano na medida em que realizavam os estudos. Diziam que não eram mais os mesmos e que sentiam que sua autoestima e confiança para lidar com as diversas situações cotidianas tinha melhorado: o atendimento de telefone e anotação de recados, a conversa reivindicatória em alguma esfera da vida, a capacidade de se fazer entender nos diversos lugares, a melhoria da convivência familiar através da abertura ao diálogo, a compreensão do funcionamento do próprio corpo e o aprendizado para lidar com as suas próprias perguntas. Os professores colhíamos os frutos do trabalho com admiração e a confirmação de que realizamos nosso propósito. Fortalecidos com essa percepção, avaliamos que seria importante seguirmos para o compartilhamento de conhecimentos, pois o conhecimento tem sentido quando é compartilhado.

O estudo deveria ser compartilhado na forma de uma aula expositiva em várias salas concomitantemente com uma mesa com 2 professores (o/a professor/a orientador/a e um/a outro/a professor/a), os estudantes inscritos para participarem, familiares e amigos convidados. Como a produção dos relatos já havia proporcionado a confirmação do sucesso da metodologia de investigação, avaliamos que o compartilhamento daqueles relatos de aprendizado seria uma forma de reconhecer o percurso de cada estudante que se empenhou e estimular aqueles que ainda estavam no processo. Foi um desafio a mais que deixou a todos, ao mesmo tempo, apreensivos e desejosos. Todos tínhamos a certeza de que o

conhecimento deve ser compartilhado e não somente usado para a obtenção de um certificado. O propósito inicial foi esse, pensando que trabalharíamos o aprofundamento dos conteúdos do Ensino Fundamental de maneira específica. Para a apresentação dos colegas, todos deveriam levar caderno e lápis para anotar ideias principais e também anotar perguntas que fariam à pessoa que estivesse apresentando o estudo.

Foi indescritível o movimento que produziu. Um movimento transformador da prática pedagógica que mexeu com a dinâmica da escola e dos esquemas mentais de professores, funcionários e estudantes. Cada professor/a seguiu na sua prática pedagógica levando essa experiência como referência de trabalho, tanto quem permaneceu na escola, quanto quem foi trilhar outros caminhos. Os/as estudantes relataram superação de desafios pessoais, ampliação de conhecimentos que modificaram o modo de “encarar” a vida e, principalmente, o reconhecimento de sua autonomia na produção dos saberes, agora com um instrumento valioso: a aprendizagem de uma metodologia de pesquisa para a construção de conhecimento.

Essa experiência também irradiou para fora da escola no território da própria comunidade. Foram organizados momentos de palestra para a comunidade no posto de saúde onde os próprios estudantes compartilharam os seus conhecimentos e aprendizados. Além disso, a equipe de professores que também trabalhava no terceiro ciclo, levou a ideia deste nosso projeto pedagógico para o trabalho com os adolescentes e soubemos que tiveram ótimas experiências.

Todos fomos marcados por essa experiência. Foram momentos de dúvidas, de arriscar, de confiar e investir. Se trata dessas experiências que não se sustentam por muito tempo sem uma estrutura de apoio. E lá tínhamos essa estrutura. Uma comunidade ativa, um coletivo de profissionais sensível às causas dos estudantes e dispostos a inovar, um investimento na própria formação.

Inicialmente, pensamos em atender uma demanda da comunidade pela EJA e resolvemos ousar. Esvaziamos-nos de tudo o que aprendemos de ser

professor e construímos um novo jeito de estudar e ensinar. Ao ensinar, aprendemos um novo jeito de ser professor que mudou nossa prática pedagógica.